

1ª Parte

**A Pesquisa com línguas indígenas;
sua concepção, incentivos e entraves
resultados atuais e perspectivas.**

A CONCEPÇÃO DOS LINGÜISTAS *

*Bruna Franchetto**
Yonne Leite**
(Museu Nacional - UFRJ)*

INTRODUÇÃO

O nosso propósito nesta Comunicação é refletir sobre a formação do campo da lingüística voltada para o estudo de línguas indígenas brasileiras. Motivou-nos o isolamento que sentíamos com relação no nosso trabalho e a necessidade de uma maior interação com nossos colegas. Esses sentimentos se aguçaram no momento em que nos de^ufrontamos com a organização pela FUNAI de uma reunião pa^ara a qual foram convocados individualmente lingüistas que deveriam propor uma "filosofia lingüística nacional" dire^ttamente ligada à chamada "educação indígena". O Programa estabelecido pela FUNAI tinha como pressuposto que havia uma equivalência entre lingüista, educador e didata sendo pedido ao lingüista fornecer diretrizes para a efetivação de uma política e prática educacional para os Índios. Co^mecemos a indagar o porquê dessa identificação, uma vez

que a FUNAI não iria inventá-la. Esse questionamento levou-nos a problemas mais amplos tais como a auto-identificação dos lingüistas, suas trajetórias e seus engajamentos.

Julgamos, então, que ao invés de pensarmos a dois, à base de impressões pessoais, melhor seria ouvirmos aqueles que estivessem trabalhando com línguas indígenas para, a partir de categorias por eles verbalizadas, podermos entender como concebem o seu fazer lingüística. Com esse fim entrevistamos 11 colegas do Rio de Janeiro e de Campinas, e enviamos formulário para Pernambuco, Pará e Rio Grande do Sul. Obtivemos 13 entrevistas gravadas, de durações variáveis, e 1 escrita.

Não foi nossa intenção abranger todos aqueles que trabalham com línguas indígenas. A primeira limitação que fizemos -- e aí está o nosso recorte preconcebido -- foi restringir o universo às pessoas que tivessem tido pelo menos uma experiência de trabalho em aldeia indígena. A segunda foi a de só entrevistarmos pessoas que estivessem desenvolvendo sua pesquisa na Universidade, quer como aluno, quer como professor.

Preparamos um roteiro prévio com 13 perguntas que abarcavam as motivações que teriam levado a pessoa a trabalhar com línguas indígenas, a natureza de sua pesquisa, considerações sobre a Universidade, trabalho de campo e a questão que chamamos "retorno" do trabalho para o grupo indígena. Posteriormente percebemos que nesta última pergunta estava pressuposta nossa visão tendenciosa

da área.

Nosso método de trabalho foi dos mais simples: ouvimos as entrevistas, anotamos as categorias discursivas e experiências recorrentes assim como as diferenças.

Não poderemos relatar todos os problemas que as entrevistas suscitarão. Optamos por relatar aqui apenas os temas que nos pareceram mais significativos para o entendimento da nossa *folk-theory*.

Passemos, então, aos tópicos.

O ACASO

Uma categoria discursiva recorrente foi "o acaso". Em resposta à pergunta "porque escolheu trabalhar com línguas indígenas" várias pessoas utilizaram a expressão "foi por acaso" ou "foi um mero acaso". Em todos os casos, o interesse por línguas indígenas não foi suscitado na escola.

A descoberta das línguas indígenas vai se dar na graduação ou na pós-graduação em um curso no qual ou se leu o artigo de A.D. Rodrigues "As tarefas da Linguística no Brasil" ou em que se treinam técnicas de análise linguística usando exemplos construídos com línguas indígenas, ou ainda, muito esporadicamente em curso específico sobre línguas indígenas. O interesse por línguas indígenas pode também nascer no Exterior de formas variadas, quando a pessoa estava engajada em projetos que pouco tinham a ver com o campo.

Da descoberta à efetivação de um projeto latente no subconsciente é outro grande acaso. O encontro da instituição que irá formar o futuro linguista se dá em circunstâncias fortuitas quando não anedóticas.

A categoria acaso é para nós um indicador de que a institucionalização do campo ainda é muito incipiente. Essa institucionalização fraca nos remete ao tópico seguinte:

A TRAJETÓRIA

As histórias de vida, contadas durante as entrevistas, foram por nós consideradas trajetórias acadêmicas, trajetórias essas que refletem contextos e momentos diversos. E mais, para nós, essas trajetórias são determinadas tanto pela história da institucionalização do campo quanto por ideologias diferentes. São essas de terminações que procuraremos indicar a seguir.

A história da institucionalização é bastante recente: começa no momento da formação da Universidade de Brasília com a pós-graduação em linguística. A experiência, interrompida por evento nacional mais amplo, é breve. A nova porta que se abre é o Museu Nacional, também através de uma pós-graduação. Nessa as línguas indígenas se inserem como "um subproduto natural", uma vez que a instituição financiadora - a Ford Foundation - desejava que seu investimento resultasse na melhoria do ensino de português na Escola. Essa experiência também é breve e é interrompida com a passagem do Programa de Pós

Graduação em Linguística do Museu Nacional para a Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E aí não havia, e não há lugar, para a consideração do estudo das línguas indígenas nem mesmo com um subproduto. Cumpre notar que esta transferência não é meramente geográfica: ela transfere a linguística (e com isso os estudos das línguas indígenas) do campo da Antropologia para o Campo das Letras.

Persiste, porém, o Museu Nacional como um ponto de referência e como o executor de uma ideologia intitulada "modelo Museu Nacional". Convém expor como se caracteriza esse "modelo".

Modelo Museu Nacional

Fazer linguística à la Museu Nacional significa ter como projeto de pesquisa um trabalho de documentação e análise em linhas essencialmente descritivistas, indo ao campo por períodos curtos de não mais do que dois meses, de preferência no Xingu (uma espécie de campus avançado do Museu Nacional -- e talvez fosse interessante examinar a prática de tornar o P.I. do Xingu um laboratório de campo), ter um informante principal, fazer alguma coisa sobre a fonologia da língua, formar grupos e equipes e assim transmitir seu saber e multiplicar os quadros especializados, ter uma crise e descobrir que há "um outro lado da fonologia".

Esse modelo perpassa várias trajetórias numa primeira fase intitulada "fase heróica ou idealista".

Nessa fase a preocupação é documentar as línguas indígenas a fim de "preservar a memória nacional". Fala-se em "patrimônio cultural", "ameaça de desaparecimento", "fascínio no campo", "experiência do desconhecido", "espírito de aventura", "academicismo".

A essa fase segue-se uma frustração ao ver as poucas possibilidades de profissionalização, de institucionalização e reprodução de seu trabalho, ou desânimo devido à experiência negativa no Xingu (é importante ressaltar aqui que a experiência de campo negativa só é relatada quando se trata do Xingu).

A vivência com o "real" -- o campo e os índios -- também é um agente de crises que levam o linguista a redimensionar a tarefa puramente descritivista, face aos problemas políticos e sociais que envolvem o grupo indígena. Passa-se, então, à "fase realista". Se na primeira se responde a perguntas intelectuais, nessa segunda se deseja atender às demandas partidas do interior do grupo indígena.

Nessas trajetórias há duas instituições que são sempre mencionadas: O Summer Institute of Linguistics, na primeira fase e o CIMI (Conselho Indigenista Missionário), na segunda.

O Summer e o CIMI

O SIL esta presente direta ou indiretamente em todo o processo de formação do campo da linguística que trata das línguas indígenas. É o Summer que forne

ce seus doutores para a implantação da pós-graduação quer em Brasília, quer no Museu Nacional. É também o Summer que fornece as técnicas para a coleta rápida e a análise objetiva de dados, quer diretamente em cursos, quer indiretamente em seus manuais amplamente difundidos. Em suma, fornece um modelo. Fica a pergunta a ser discutida se não fornece também um componente básico para a formação de ideologias.

O CIMI entra nesse quadro como uma opção, dada a falência do projeto "heróico" -- considerado aliado e academicista -- e à falta de apoio institucional, como alternativa também de acesso a áreas indígenas devido a crescentes dificuldades impostas pela FUNAI.

Assim enquanto o Summer é um mediador entre o aprendiz e a teoria, o CIMI se torna um mediador entre o fazer linguística e o real.

Fora do Museu Nacional as trajetórias são variadas e pertencem a outro momento e outros contextos. A Instituição mais presente é a Universidade de Campinas em que há lugar para projetos de documentação em que se propõem novas linhas de pesquisas. Há apoio e "massa crítica". Mesmo assim não se pode falar de uma afirmação definitiva do campo. Há a ameaça de um enrijecimento da estrutura da Universidade, as pesquisas ainda são em maior parte auto-financiadas e sempre é preciso "abrir espaço", "puxar a brasa para sua sardinha". Há em Campinas também estímulos que permitem uma diversificação tanto da prática acadêmica quanto das modalidades de inserção do pes

quisador no "real". Este é o quadro atual de Campinas , uma boa promessa cuja efetivação mais perene depende de instâncias mais altas às quais não se tem acesso direto e que têm ideologias também muito próprias.

Nas histórias de vida, um momento adquire grande expressão: o trabalho de campo. É através dele que se descobre o "real" e nele se passa a imaginar um "retorno". Examinaremos a seguir esses tópicos.

O TRABALHO DE CAMPO

A ida ao campo para a coleta de dados fornece o traço básico de identidade dos lingüistas entrevistados, separando-os de outros lingüistas. A identidade assim construída une esses lingüistas aos antropólogos-etnólogos. Pelas citações abaixo essa concepção nos parece clara:

"O pesquisador de campo é, em geral, um pioneiro que deve organizar os dados de uma língua em primeira mão. Outros lingüistas possivelmente se utilizarão de seus dados nem sempre com muita ética para provar pontos teóricos sobre a linguagem humana".

"É completamente diferente. O outro lingüista é um alienado. Se afasta do centro da linguagem que é o próprio homem falante. O lingüista de campo é essencialmente um humanista".

O campo é visto também como uma cerimônia

de iniciação, um batismo, tanto para o linguista quanto para o antropólogo. Conforme disse um dos entrevistados:

"Minha ida ao campo foi um ritual de passagem onde eu antes era um estudante e depois eu sou um linguista".

É o trabalho de campo que vai revelar o "real" que se choca muitas vezes, pelo contato com "o outro", com o projeto acadêmico e as perspectivas "idealistas". É nele que surge a crise, crise marcada às vezes por fortes matizes existenciais. Deixemos falar os entrevistados:

"É uma experiência diferente. Uma experiência com o outro que é um enigma social. Aí é difícil separar a pesquisa de questões amplas. Seu próprio ser é envolvido. É você que é o estrangeiro no grupo, é o outro".

"Quem está no campo está sempre fazendo a cabeça funcionar. Não têm essa esquematização que já vem pronta. Depois têm a vivência que é um barato".

É no campo que emerge o pensamento do que foi chamado "RETORNO". Em outras palavras:

"Quem faz trabalho de campo se envolve com o con

creto. Quer ver a sua aplicabilidade imediata, o retorno. Tem que dar sentido ao trabalho".

O RETORNO

Hã vários modos de conceber o retorno. Sõ pra uns poucos ẽ uma questã "pessoal" ou inexistente a ligaçã entre o trabalho descritivo e interesses extra-lingüísticos. Em alguns o modo do retorno ẽ indefinido. ẽ visto como uma troca, uma ajuda assistencial, um atender a necessidades urgentes do grupo, e corresponder às suas expectativas.

"Sempre respeitei o princípio da troca. Eu respondo as perguntas que eles me fazem sobre o mundo dos brancos. No Xingu V. ẽ pesquisador institucionalizado. Eles não estavam interessados na pesquisa, mas estão começando a associar lingüística e escola. Aí eu não precisaria levar presente: a troca seria alfabetizar".

"Não tenho muito interesse. Eu ficando lá com o gravador tirando horas de trabalho. Eu tenho que me integrar. Não sei. Eu acho que a educação ẽ uma forma. Se eu entendesse de medicina seria uma ótima".

"Procurei com eles um pedaço de terra para eles

morarem Quero através de meu trabalho conseguir um status de modo a ser ouvida pela FUNAI".

Referência explícita é quase sempre feita à educação como uma das possibilidades de retorno. Esse empenho na educação varia em grau e apenas em um caso é o fator que move todo o projeto. Assim na palavra de um dos entrevistados:

"O fato de eu trabalhar com língua indígena não era um deleite intelectual. Era uma postura política que eu tinha assumido com relação aos índios e com relação à comunidade com que estou trabalhando".

Um dos entrevistados apresentou uma classificação elaborada e instigante do retorno e, porque não dizer, da responsabilidade social do lingüista. Ele divide o retorno, sem deixar de se referir em outras passagens à educação, em três categorias: como professor, como pesquisador e como cidadão. Vejamos como é:

"Eu vejo um retorno como professor: me ensinaram lingüística. Com minha aluna estou fazendo a mesma coisa que fizeram comigo: documentação e descrição de uma língua. Como lingüista, posso dar pouco: textos, gravações, uma escrita, posso até ensinar lingüística... Comecei a desco

brir que minha transcrição fonética tinha uma di mensão política quando o chefe guardou junto com o mapa de suas terras, o papel das palavras com transcrição fonética datado e assinado por um lingüista. Me reconheceram como lingüista.

Não posso separa minha identidade de lingüista da de cidadão. Eu ganhei muito como cidadão: eles, os índios, me deram mais em coisas valiosas que não são lingüísticas: uma tese, um emprego, uma grana por mês para o resto da vida. A minha dívida não é moral nem acadêmica. É econômica mesmo".

A palavra chave é, pois, educação e dela nos ocuparemos no próximo tópico.

EDUCAÇÃO

Na maioria dos casos o projeto de pesquisa tem como fim estudar a língua de um grupo indígena. Houve apenas um caso, mencionado no tópico anterior em que fazer a escola para o índio era o que dava a tônica do trabalho. E também na maioria dos casos as pessoas de um modo ou de outro se fazem perguntas a respeito de seu papel no processo de educação para o índio ou estão ligadas a projetos educacionais. Não deve ser por mero acaso que nas reuniões de lingüística há sempre dois tipos de sessões: um sobre pesquisa e outro sobre lingüística e educaca

ção. Permitimo-nos aqui divagar um pouco a fim de suscitar o debate.

Parece-nos que há um concurso de fatores que podem levar -- como o fez a FUNAI -- a uma junção de identidade lingüista - educador. Dividimos esses fatores em dois tipos: fatores indiretos e fatores diretos .

Os fatores indiretos se prendem à formação dos lingüistas entrevistados. São quase todos oriundos de um curso em Letras, cursos esses que se destinam primordialmente à formação de quadros para o ensino de primeiro e segundo graus. E mais, o Summer Institute of Linguistics contribuiu de um modo ou de outro para a nossa formação. Parece-nos apropriado pois, mais uma vez perguntar: até que ponto o Summer transmitiu apenas técnicas? Mesmo rejeitando a ideologia do Summer, indagamos mais uma vez, se as técnicas são independentes da ideologia.

Sob o rótulo fatores indiretos colocamos os vários tipos de pressão que atuam sobre o lingüista. Essas pressões vão desde o agente financiador (sempre mais propenso a subvencionar projetos com um retorno de algum tipo), passando pelos agentes que permitem o acesso ao grupo indígena (agentes mediadores) e chegando às solicitações dos próprios índios.

O tipo de modelo a ser adotado na consecução de um projeto nos parece diretamente ligado a ideologia do agente intermediário -- aquele que lhe permite o acesso ao campo. Se o agente intermediário for a FUNAI, o

modelo Summer é aplicado sem discussão. Se o agente intermediário é o CIMI, por exemplo, em que o lingüista se torna um assessor, um projeto alternativo ocorrerá a procura de um novo modelo, pois a ideologia desses últimos parece chocar-se frontalmente com a do Summer.

Os lingüistas, por sua vez, expressam posições variadas que poderão ser alvo de uma discussão mais ampla na sessão de amanhã. Daremos apenas alguns exemplos:

"Quero entregar ferramentas e ir embora. Não quero ser um produtor de textos, nem um produtor de cartilhas".

"O lingüista dá o alfabeto, a escrita, depois é o grupo que dá os destinos de sua própria alfabetização".

Para esses, o papel do lingüista é bem de limitado. Para outros o projeto educacional é o trabalho.

Nessa altura seria interessante discutir, em bases concretas, o lugar dos índios nessas decisões. Os entrevistados falam em "ouvir o índio", "partir de suas exigências" no desenvolvimento de um projeto educacional. Onde pode entrar o índio específico nessa engrenagem já tão bem montada e pré-determinada?

Para terminar examinemos rapidamente a UNIVERSIDADE, instituição em que os lingüistas estão inseridos e que lhe permite a sua sobrevivência e reprodução.

A UNIVERSIDADE

Entrevistamos professores e alunos. É significativo que quase todos falem de uma trajetória longa, difícil, árdua, tortuosa e, muitas vezes sofrida. Termos recorrentes são "desafio", "garra", "luta", "força de vontade". Quase não há dinheiro para o trabalho de campo e quando há é pouco. Para quem é professor há sempre a superposição entre o tempo de pesquisa e o ensino.

O isolamento - que gera a aspiração de formar grupos, equipes, centros -- dentro da própria Universidade é característica de um campo com institucionalização fraca e débil. Campinas, onde há contactos verticais e horizontais, parece uma exceção.

Essa sensação de isolamento é reforçada pelo ethos individualista do trabalho acadêmico ("o trabalho acadêmico é a exacerbação do eu", disse um dos entrevistados). Além disso a Universidade afasta do "real" --- categoria essencial na trajetória de um linguista.

"A estrutura atual da Universidade não é uma estrutura, é uma desintegração. São células distanciad^{as} da realidade em que vivemos. Qualquer trabalho na linha humanística é irrelevante".

As entrevistas fornecem um material muito mais rico do que o aqui apresentado. Acreditamos que, apenas de todas as diferenças encontradas, foi possível traçar um perfil do campo e do próprio linguista. Parece

que, no contexto atual, os lingüistas estão tentando se desvencilhar de uma herança ideológica para entrar numa nova prática ideológica-política. Em suma estamos diante de um intelectual preocupado com as implicações e alcance de sua produção. Talvez tenha chegado a hora de nos juntarmos e conversar um pouco mais sobre as formas desse engajamento e sobre as formas de ver esse real que tanto perturba nossas cabeças.

NOTAS:

* Comunicação apresentada na XIII Reunião Brasileira de Antropologia (São Paulo, 4 a 7 de abril de 1982) no Grupo de Trabalho "Pesquisa Lingüística e Educação Indígena".

** Bolsista do CNPq.